

# EU *ON-LINE*

Felipe Eduardo Lázaro Braga

A ESCURIDÃO CONVIDA a profundidade humana a realizar seus apetites mais viscerais, aqueles enterrados em camadas de silêncio que intimidade alguma consegue penetrar. Às vezes, nem mesmo a intimidade de si para consigo, eu sozinho protegido comigo. A escuridão é, antes de qualquer coisa, uma sensação de expansão das possibilidades, uma blindagem de anonimato para o eu inconfessável, um estremecimento de liberdade e ameaça que expulsa o indivíduo do seu calvário diário de boas maneiras. A escuridão é uma delícia insuportável que dissolve nossa vergonha numa certeza de prazer impune. Ela apaga nossa reputação, apaga o dia seguinte, apaga o limite do razoável e, ao fazê-lo, grita o êxtase animal que sofre a rotina civilizada de todos os dias, emasculadamente. A escuridão somos nós à luz, sem culpa.

No escuro, e apenas no escuro, deixamos de lado o nome próprio, não somos um CPF, não temos amigos, parentes, nossa network profissional, aquela reputação ilibada com 30 anos de serviços prestados à comunidade; no escuro, somos nossa ferocidade para além das fronteiras do castigo. A escuridão é liberdade – a mais definitiva liberdade –, porque ela é uma licença de irresponsabilidade para mim; mas a escuridão é ameaça – a mais definitiva ameaça -, porque ela é uma licença de irresponsabilidade para os outros.

Ao separar ato e identidade, ao aliviar o peso de sermos nossos respectivos papéis construídos biograficamente com muito empenho e monotonia, na religiosa sucessão de dias idênticos, o escuro nos empurra ao prazer inconsequente borbulhando suas pulsões inadmissíveis, nos convida à crueldade e à indiferença, faz transpirar aquela realização duramente reprimida que só sobrevive na fresta da fantasia. Não existe, absolutamente não existe!, um ser humano que não tenha se aproximado do abjeto irresistível, do mais transparente e delicioso terrível, ao imaginar-se completamente livre do rancor alheio, inalcançavelmente imune. A humanidade mutuamente vigilante impede que sejamos nossa mais desesperada intimidade, nossa mais deformada realização. Pense aí nas suas, que eu escondo cá as minhas.

Essa persona social tão cuidadosamente protegida dos arranhões de intensidade, esse cartão de visitas de normalidade que nos permite suportarmo-nos uns aos outros quando inevitavelmente juntos, estende sua disciplina vigilante aos extremos de vida e morte, à região do mais definitivo gozo, e à do mais definitivo desespero. Nós protegemos o sexo na escuridão, e protegemos a morte na escuridão, tudo para não encarar de frente a face mais distante do eu social respeitável com hora marcada para sorrir e cumprimentar. Sexo e morte, os blocos fundamentais que arquitetam a existência, revelam a profundidade orgânica, biológica, simiesca da experiência humana, e confrontam em definitivo as pretensões vaidosas do eu – transando e morrendo, não há um “eu” de elegâncias, individualidades e hierarquias, há um “nós” essencial que compartilha os limites extremos, quase insuportáveis, da sobrevivência.

Durante o orgasmo, enfrentamos uma transparente fraternidade animal com tudo o mais que respira, participamos da natureza idêntica de toda existência, reduzimo-nos ao desespero do prazer – cada suspiro ansioso de plenitude despe mais uma peça de humanidade até a completa nudez animal, conduzindo um movimento febril ao sem limites do sentido. Nossa única obrigação é ampliarmos, mais e mais e ao máximo, o território da sensação, transpirando no caminho a autoridade esmagadora do êxtase. E, quando o gemido final anuncia a conquista definitiva do corpo, interrompemos a existência em um segundo de delírio e deleite, o único segundo em que estamos efetivamente completos, num alívio fundamental de nós mesmos. No tribunal da sensualidade, a moral é hedonista, e só admite o que se ajoelha ao prazer, urgentemente e sem escrúpulos. É por isso que o sexo, para a maior parte das pessoas, habita um esconderijo: no limite irracional do erotismo, somos pura e simplesmente mamíferos, somos transparentemente biologia, somos suor e saliva usufruindo-se em uma nota alucinada de libido, quase sem fôlego.

Oposto idêntico do sexo, o mais definitivo desespero não podia ser mais simples de definir: a morte é o único respiro da vida que não termina, que puxa intensamente o ar para suportar sua última agonia, e que não tem tempo de virar alívio. Lacramos a morte em um ritual de pompa, flores, homenagens e memórias, e aceleramos nossa tristeza junto ao tempo da corrupção: nossos mais profundos pêsames acenam um adeus ligeiro de despedida, antes de enfrentarmos toda cultura, toda autoridade, toda erudição, derretendo sua natureza orgânica de volta à imperfeição essencial, hedionda e fetidamente. A corrupção da carne é a mais intensa ferida que nossa vaidade pode suportar, a certeza absoluta de existirmos eternamente no nada até o último osso corroído. A fusão do indivíduo com sua própria putrefação coloca um ponto final de indiferença em toda ingenuidade ambiciosa - nossa conquista final será sempre um punhado de terra sobre, o esconderijo que protege os que continuam do espetáculo universal da morte.

Percebe a tensão essencial, existencial, entre o esconder a o apresentar que constrói nossa subjetividade diária? Minha biografia é uma interpretação ininterrupta de mim mesmo, sou um incansável ator de mim. Nós escondemos nossa plenitude sexual, porque no abismo do desejo, não há controle possível sobre o eu - no ápice da excitação, somos a aflição da espécie ambicionando existir na geração seguinte. A morte dos outros, por outro lado, é um espelho inevitável do nosso próprio futuro, cada lamento que dedicamos ao ente querido encerra uma

lágrima de egoísmo inconformado - a morte dos outros confronta uma intimidade com o meu próprio tempo, com nossa mais profunda efemeridade, com esse nosso agora cada vez mais estreito.

Os extremos de vida e finitude, escuridão e aparência, esconderijo e exterioridade, descrevem a tentativa diária de construirmo-nos socialmente, de elaborarmos uma apresentação pessoal compatível com as aspirações e possibilidades da nossa vaidade frente às expectativas e rigores daqueles cuja opinião nos são relevantes. Trata-se de uma verdadeira economia subjetiva do ego: dedicamos imenso afeto, inteligência e habilidade para preservar e impor os papéis sociais que acreditamos merecer, que nos são tão infinitamente caros, que estruturam nossa personalidade e nosso estar no mundo, e exigimos dos outros uma constante confirmação de ajustamento, sob pena de intenso desgaste, frustração, raiva, depressão, isolamento. E, no caminho, escondemos atrás da mais inacessível intimidade aquele eu indizível que a humanidade inteira compartilha entre si, na fragilidade de um silêncio mutuamente envergonhado.

Essa construção obsecada da própria imagem, essa fração de existência que consegue sair pra fora de casa e cumprimentar os vizinhos na rua, alcançou nas redes sociais seu veículo perfeito de expansão: em vídeos, fotos, curtidas, seguidores, elaboramos uma narrativa entusiasmada e multimídia de nós mesmos, a expressão de devoção, carinho e intensidade que dedicamos ao eu cheio de qualidades que tão desesperadamente desejamos ter, e que procuramos compulsivamente em cada segundo de confirmação sorridente.

Somos, nas redes sociais, o eu que habita sua própria fantasia de si, o eu aberto ao público, o nosso eu orgulhoso da última viagem internacional ao país exótico da moda, o eu da balada do caralho do sábado passado, o eu que disputa contra todos os outros eus a hierarquia da atenção alheia, cada eu ensimesmado em seu próprio algoritmo de identidade. Esse nosso eu de sorriso largo e engajamento político, construído cuidadosamente em postagens, interações, comentários, e fotografias, existe para ser visto, cada milímetro de autoestima sufocada pelo aplauso estatístico de curtidas indiferentes. A rede social alimenta com cotação de segundos o eu-holofote viciado em ser multidão, centenas de aproximações virtuais que se abraçam a quilômetros de intimidade um do outro.

Diante da religião onipresente da câmera ligada e da postagem em tempo real, é quase impossível que o império da vigilância não nos alcance naquele círculo de intimidade que negamos a todos os demais, que autonegamos. A subjetividade contemporânea vai ter de lidar com o desafio da mega exposição, a incessante paranoia de escorregarmos no julgamento da gritaria on-line, aquela que viraliza seus desafetos durante semanas e semanas de indignação pública, uma semana de escândalo e opróbrio que desmorona definitivamente uma vida em isolamento, em culpa, em indignidade. Aquela frase inadequada, aquele gesto ambíguo, a mensagem horrorosa totalmente fora de contexto, o áudio comprometedor, a nudez enviada pela ingenuidade apaixonada, todos esses registros que o eu indizível comete na intimidade serão amplificados à exaustão na eternidade on-line, se chegarem à luz. A esfera de escuridão que protege o eu desesperadamente anônimo do horror alheio é cada vez menor, estamos à mercê da indignação e julgamento uníssono em cada esquina de deslize.

E não sejamos ingênuos: a humanidade recruta indivíduos asquerosos e admiráveis para empurrarem para frente a fronteira da História, mas mesmo o mais Martin Luther King entre nós sorri de embaraço quando confronta sua profundidade inacessível, sua mais íntima reprovação autodedicada. A indignação pública diante da falha moral alheia, diante do eu desmascarado em sua transparência íntima, é uma demonstração de discordância, repulsa, objeção, abjeção, etc., etc., etc., mas é mais do que isso: é um prazer intenso que sentimos com a expiação do outro censurável, é o sorriso incontido que a fogueira on-line provoca na minha sede de superioridade moral. Há um prazer inconfessável em ver o linchamento virtual destruindo a biografia que desrespeitou o equilíbrio entre aparência e esconderijo, esse prazer indigesto, sádico, que excita uma justiça aglomeradamente on-line, indignada, anônima, hidrófoba, moralmente superior em sua crueldade-avalanche.

Fico aqui pensando se não esbarramos, nós, coletiva e socialmente, na fronteira tecnológica da vigilância definitiva, de câmeras de identificação facial espalhadas em armadilhas de exposição, da subjetividade ansiosa que sobrevive atualizando o F5 de curtidas, do Big Data que escava nossos desejos e fantasias soterrados em barras de buscadores de guias anônimos, dos celulares inescrupulosamente em punho que aprisionam nossas emoções em 2 MB de memória. Nesse cenário cada vez mais palpável de hiper exposição, de hiper vigilância, de compartilhamento absoluto do próprio eu, a moral recriminatória pronta pra acender a fogueira da estigmatização on-line vai ter de relaxar a guarda, será obrigada a reaprender o valor ético do erro. Daqui a alguns anos, todos nós assistiremos nosso próprio eu encoberto tropeçando para fora da intimidade, congestionadamente viralizado por uma manada de indignações sorridentes que amam detestar no outro aquilo que temem descobrir em si. O amor ao próximo só atravessa a rua de mãos dadas com o egoísmo: quando sentirmos na pele a fúria uníssona contra o meu eu clandestino, relativizaremos o equívoco que eu condenei horrorizado anteontem.

Ou isso, ou vamos virar autômatos insuportáveis da aparência, sem o alívio indispensável de descansarmos de nós mesmos na protetora tranquilidade de não sermos vistos, de sorrirmos sozinhos, sem culpa, e à sombra.

### **Felipe Eduardo Lázaro Braga**

É graduado em Ciências Sociais, graduando em Filosofia, e mestre em Sociologia. Escreve sobre arte contemporânea, e trabalha com pesquisa de mercado e opinião.